



ARTIGO ORIGINAL

A decisão de amamentar da nutriz: percepção de sua mãe

The decision to breastfeed: grandmother's view

Cândida C. Primo¹, Laíse C. Caetano²

Resumo

Objetivo: Este estudo é o resultado de interrogações do papel da mãe da nutriz na decisão e/ou manutenção do aleitamento materno de suas filhas.

Método: Utilizei o referencial teórico da fenomenologia, pois me possibilitaria compreender e captar a visão sobre a amamentação das mães das nutrizes. Para tanto, busquei depoimentos de 10 mães de nutrizes, tendo como questões norteadoras: Como a senhora alimentou os seus filhos quando nasceram? O que a senhora achou da decisão da sua filha em alimentar o bebê no peito? Para a senhora, o que levou sua filha a decidir a alimentar o bebê no peito?

Resultados: A análise compreensiva dos discursos revelou que a decisão de sua filha em amamentar está ligada a um ato intrínseco ao papel da mãe, uma experiência transmitida de mãe para filha, uma tradição familiar e influenciada através do discurso e da ação/apoio.

Conclusão: A partir desse trabalho, um novo enfoque se mostra no orientar, apoiar e incentivar a prática do aleitamento materno.

J. pediatr. (Rio J.). 1999; 75(6): 449-455: aleitamento materno, decisão, suporte social, avó, lactação.

Introdução

A decisão de amamentar da mulher está interligada a sua história de vida e ao significado que atribui a este ato. Dessa forma, essa opção pessoal pode ser influenciada pelo aspecto emocional, social, cultural e econômico desse sujeito¹⁻³.

Segundo Silva⁴, a decisão de amamentar é uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios para o binômio mãe-filho e é determinada pelas interações que ocorrem durante esta experiência vivida pela mulher.

Abstract

Objective: This study is the result of an inquiry into the grandmother's role in the decision as well as the duration of her daughter's choice to breast-feed.

Method: This project uses a phenomenological theoretical background which leads one to understand breast-feeding based on the view of the grandmother. Thus, this project analyzes the discourse of 10 women by using the following guiding questions: How did you feed your children when they were born? What did you think about your daughter's choice to breast-feed? Why do you think your daughter decided to breast-feed?

Results: The analysis of the discourses as a whole reveals that for these women breast-feeding is something intrinsic to a mother's role as well as an experience transferred from mothers to daughters. This project also reveals that breast-feeding is a family tradition which can be influenced by advice and support.

Conclusion: From this perspective, a new focus is revealed by giving advice, supporting and encouraging breast-feeding.

J. pediatr. (Rio J.). 1999; 75(6): 449-455: breast-feeding, decision, social support, grandmother, lactation.

A experiência de já ter amamentado outros filhos ajuda nessa decisão pelo aleitamento, principalmente tendo sido uma vivência positiva^{5,6}. O fato de ter parentes ou amigas que estão ou já amamentaram também colabora^{5,7,8}, bem como ter sido amamentada por sua mãe^{8,9}.

Reverendo a literatura, vários estudos associam o alto nível socioeconômico e educacional das mulheres à escolha e maior duração do aleitamento materno^{6,9,10}.

O conhecimento sobre os benefícios nutricionais e imunológicos do leite materno^{8,11-13}; o melhor desenvolvimento físico, mental e emocional dos bebês amamentados^{14,15}, além das vantagens de proteção à saúde da mãe são fatores influentes nessa decisão pelo aleitamento^{13,16}.

Além disso, a criança que é amamentada tem menor risco de ter alergias, infecções gastrointestinais, infecções urinárias, infecções respiratórias, incluindo meningites,

1. Enfermeira especialista em Enfermagem em Saúde Pública.

2. Prof. Assistente do Depto. de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem da Univ. Federal de Minas Gerais. Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

pneumonias, bacteremias, otites e reduz a frequência de algumas doenças crônicas¹⁷⁻¹⁹.

Várias pesquisas sustentam que o apoio e suporte familiar, principalmente do marido e da mãe, são fatores importantes na escolha da alimentação da criança^{6,20-22}. A presença e ajuda do marido em casa colaboram positivamente para a prática do aleitamento. Além disso, a aprovação e as atitudes do esposo em relação ao aleitamento materno são consideradas pelas mulheres na decisão de amamentar ou não^{3,23-25}.

Dados de Giugliani et al.²⁶ sugerem que as avós podem influenciar negativamente na duração do aleitamento materno, enquanto Grossman et al.⁶, Losch et al.²² e Moura²⁷ observaram que o apoio das mães ajudou no início e/ou na manutenção da amamentação.

A literatura é ampla em relação a diversos aspectos da amamentação. Muito já foi retratado sobre os benefícios do leite materno, a percepção da nutriz sobre o ato de amamentar, os motivos e os fatores que corroboram para essa decisão, porém os sujeitos que apoiam e estimulam essa decisão ainda foram pouco explorados e questionados.

Interessei-me, dessa forma, em estar junto aos sujeitos (mães das nutrizas) e ir à “coisa mesma”, ou seja, compreender a experiência vivida pelas mães das nutrizas como Seres que vivem, neste momento, ao lado da filha, o fenômeno de aleitar uma criança.

Baseada no referencial teórico metodológico da fenomenologia, voltei-me para a mãe da nutriz, com o objetivo de desvelar e compreender melhor sua influência e atuação na decisão e/ou manutenção do aleitamento materno.

Trajatória Metodológica

Para a realização deste estudo, optei pela abordagem fenomenológica por entender que esta se adequava às minhas interrogações e me conduziria ao “ser” das mães das nutrizas, para compreendê-las em seu mundo-vida, captando sob sua ótica a decisão da filha em amamentar.

Um estudo desta natureza, que olha o fenômeno sob o ponto de vista perspectival, me ajudaria a desvelar facetas ocultas da amamentação que, para mim, devem ser compreendidas.

Para Boemer²⁸, na abordagem fenomenológica o pesquisador não dispõe de um problema como na investigação clássica, segundo o positivismo lógico. Ele parte de uma interrogação, busca a compreensão de algo que se manifesta, sem buscar o porquê dessa manifestação.

O pesquisador busca atentivamente significados do fenômeno pela percepção da situação real e existencial do sujeito.

Martins & Bicudo²⁹ colocam que *Phainomonon* (fenômeno) é tudo que se manifesta, se desvela, se mostra por si mesmo. Dessa forma, passei a questionar a amamentação como fenômeno a ser desvelado no cotidiano das mães-avós.

Para tanto, os sujeitos desta pesquisa constituíram-se das mães das nutrizas, as quais tinham seus netos atendidos no Centro de Saúde onde eu realizava consultas de enfermagem para o Controle do Crescimento e Desenvolvimento de Crianças, na periferia de Belo Horizonte.

A escolha dessas avós levou em consideração apenas o fato de essas mulheres terem tido um contato próximo com suas filhas durante a amamentação de seus netos.

A busca dos sujeitos ocorreu durante as consultas de enfermagem e na sala de espera, informando-me através das nutrizas que fazem parte do meu cotidiano de trabalho, se suas mães moravam na área de abrangência do Centro de Saúde.

A coleta dos discursos deu-se no período de novembro a dezembro de 1998. O encontro com o sujeito ocorreu em sua residência por proporcionar privacidade e, ao mesmo tempo, eu poderia estar mais integrada ao seu mundo-vida.

Para compreender o fenômeno através das mães das nutrizas, utilizei as seguintes questões norteadoras:

- como a senhora alimentou os seus filhos quando nasceram?

- o que a senhora achou da decisão da sua filha em alimentar o bebê no peito?

- para a senhora, o que levou sua filha a decidir a alimentar o bebê no peito?

Foram coletados 12 discursos, dos quais dois não foram utilizados por eu não ter mantido a postura fenomenológica durante as entrevistas. Todos foram gravados após o consentimento das entrevistadas e transcritos na íntegra.

O limite de entrevistas foi determinado pela saturação dos discursos, isto é, o momento em que surgiu a convergência, o invariante, ou seja, quando as falas dos sujeitos começaram a se repetir.

Para proceder à análise dos discursos, utilizei Martins & Bicudo²⁹, que sugerem um direcionamento para análise que se constitui em quatro momentos:

1. fiz uma leitura atenta da descrição inteira para poder apreender o sentido do todo, sem ainda buscar qualquer interpretação;
2. depois, uma re-leitura do texto com o objetivo de encontrar as “unidades de significado” no discurso dos sujeitos, isto é, buscar frases ou palavras expressas pelas mães-avós que mostram significados do fenômeno em estudo;
3. busquei a revelação das informações contidas nas “unidades de significado”; para isso, usei de intuição e subjetividade;
4. por fim, agrupei as “unidades de significado” de acordo com as semelhanças de sentido, encontrando em sua síntese quatro grupos, as categorias de análise, que buscam expressar o fenômeno estudado.

A análise que passo a fazer de cada categoria, constituiu-se daquilo que veio à minha consciência na conver-

gência das “unidade de significado”; aquilo que retrata as principais idéias desveladas em relação ao fenômeno amamentação sob o olhar da mãe da nutriz. Para melhor exemplificar, essa análise está permeada de fragmentos de discursos dessas mulheres.

Resultados e Discussão

Amamentação é intrínseca ao ato de ser mãe

As mães das nutrizes revelam que a amamentação está interligada à gestação numa relação de continuidade, tanto no aspecto biológico quanto afetivo, onde a construção do vínculo mãe-filho se deu no decorrer dos nove meses.

“Então, praticamente as mães nem precisam de falar. Eles já têm aquela tendência de fazer isso.”

“Porque ela, toda mãe, né, ela tinha vontade de dar mamar pra ela.”

“Porque o peito tava muito grande, muito cheio de leite...”

“... é instinto materno, né. Que toda mãe, eu não sei.”

“E desde que a gente se torna mulher é isso na vida da gente, né.”

Durante a gestação, a criança recebe através da placenta todos os nutrientes necessários para o seu crescimento intra-útero e, após o nascimento, essa simbiose continua através da mama lactante que produz o leite materno, fundamental para seu desenvolvimento físico e mental.

Enquanto todo o corpo gravídico involui no período pós-parto, a mama continua o seu processo evolutivo, a fim de desempenhar seu papel nutricional. E mesmo que as mulheres não queiram e/ou não desejem amamentar, as mamas estão produzindo leite voluptuosamente a fim de nutrir o novo ser que nasceu.

No entanto, a amamentação vai além do fenômeno biológico, é muito mais que um processo fisiológico de produção de leite; existe um sujeito atuando nesse processo e que deve ser considerado em todo o seu aspecto emocional, social, cultural e econômico.

Segundo Jacobson, citada por Chodorow³⁰, “é destino biológico da mulher gerar e dar à luz, amamentar e criar filhos.”

Arantes¹ aponta que a decisão de amamentar é uma opção pessoal da mulher determinada pelo “seu existir no mundo”.

O ato de amamentar também é visto pelas mães das nutrizes como uma obrigação, é um atributo socialmente determinado às mães; as falas a seguir mostram isso:

“Eu acho que ela tem que dar peito até enquanto o neném quiser.”

“... tem que dar até quando quiser.”

“... acho que ela tem que dar peito prá ele.”

De acordo com Arantes¹, as mulheres experimentam sentimentos de culpa e ansiedade devido à estreita relação entre amamentação e amor materno estabelecida pela sociedade.

Para Badinter³¹, o aleitamento “é a primeira prova de amor da mãe pelo filho” e a mulher deve sentir-se culpada caso não o fizer.

Percebo que o valor social do aleitamento materno faz com que a mãe se sinta pressionada a amamentar seus filhos, como forma de demonstrar seu amor por eles.

Além disso, não fazê-lo pode significar aos olhos da sociedade uma incapacidade na arte da maternidade, e uma irresponsabilidade por parte da mãe.

“Porque ela sabe que é certo, que é bom pra saúde do neném.”

“Porque ela é muito responsável,... isso é muito fundamental.”

As mães das nutrizes consideram o aleitar como uma obrigação, uma responsabilidade da mulher enquanto mãe. É o assumir a maternidade com todas as interfaces e dentre elas, a saúde, o bem-estar do filho. Para elas, a mãe-mulher tem que dar o peito, não há outro caminho ou livre escolha. Não se considera as opções internas, o lado emocional, as dificuldades que a amamentação impingem à mulher, todas devem passar e continuar amamentando mesmo sem querer ou desejar.

Por outro lado, durante a amamentação, mãe e filho desfrutam de sensações incríveis de amor e confiança. As mães das nutrizes relatam que suas filhas sentem-se felizes e vitoriosas, quando, mesmo nas dificuldades, conseguem aleitar o filho.

“Com muita dificuldade mas conseguiu.”

“Foi bom demais, ué, foi uma felicidade...”

“É gostoso dá mama, né, é uma sensação muito boa. Mesmo se o peito ferir, é muito gostoso”

Araújo², estudando as representações das mulheres que amamentam, encontrou o vínculo afetivo mãe-filho como a grande justificativa para a continuidade do aleitamento.

Para Martins³², a amamentação bem sucedida desperta na mulher um sentimento de ligação profunda com o filho e de realização como mulher e mãe.

Segundo Arantes¹, a amamentação traz sentimentos de ambigüidade para a mulher. A nutriz tem experiências boas, agradáveis mas também difíceis, cansativas e ruins.

As mães das nutrizes também manifestam esses sentimentos, mas sempre fala mais alto o que é certo, a responsabilidade, a obrigação, uma vez que elas são mães. Aos seus olhos, a amamentação é uma extensão do processo da gravidez, do nutrir intra-útero, um processo ligado à natureza feminina, próprio da mulher e que também está permeado de amor, carinho e prazer.

Uma experiência que passa de mãe para filha

Compreendi, através dos discursos, que as mães das nutrizes percebem a amamentação como uma experiência que vai sendo repassada de mãe para filha através dos exemplos de vida delas.

São experiências individuais e marcadas pelo contexto de vida de cada mãe. Nesse sentido, percebo que o significado que o aleitamento tem para cada uma, pode influenciar positivamente ou não na decisão da filha em amamentar.

As nutrizes repetem um comportamento que é o mesmo dos tempos antigos praticados por suas mães e que foram transmitidos por suas avós. Dessa forma, as mães das nutrizes vão repassando conhecimentos através das gerações, de mãe à filha.

“... minha mãe também passava as coisas pra gente, né.[...]. Ela ensinava e a gente seguia muito as mães da gente, né.”

“Então eu quis criar eles igual minha mãe me criou.[...]. Eu criei eles naquele ritmo da minha mãe e do meu pai, bem antigo”

Os conhecimentos maternos são repassados através dos exemplos e ensinamentos da mãe e isso só é possível graças ao estreito vínculo que existe entre elas. É uma relação permeada de amor, confiança e cumplicidade, na qual a filha se apóia no modelo da mãe e repete as vivências de sua própria genitora.

Segundo Badinter³¹, a mãe é a pessoa mais indicada para o ensino da filha no que diz respeito aos cuidados do lar, da família e da procriação. É sua função ensinar-lhe o papel de ser mulher e no futuro de ser mãe.

Mesmo num ambiente com inúmeros estímulos adversos à prática do aleitamento, o fato de ter visto mulheres amamentando e acalentando seus filhos é um incentivo à continuidade dessa prática.

“...porque ela viu os irmãos dela tudo mamando.”

“Porque ela lembra que eu falei com ela que eu amamentava.”

Além dessa interligação muito forte entre mãe e filha, a menina desde cedo é o braço direito da mãe nos afazeres domésticos, no cuidado com as crianças e, desse modo, acaba por vivenciar o dia-a-dia do que é ser, ao mesmo tempo, mulher, mãe, dona-de-casa e profissional.

Assim, a filha se espelha na mãe e vislumbra-a como modelo de vida a ser seguido, copiado e transformado.

“Então tem aquele ritmo sabe ensina sempre o melhor, o que é certo, o errado.”

“E ela também olhava os meninos pra mim, né.”

“Então eu acho que vai seguindo o meu dia-a-dia, meu ritmo, como eu tratei eles. Então eu acho que vai passando pro filho dela.”

Percebi, através dessas falas, que o componente educacional familiar favorece a amamentação e o cuidado com o bebê, quando a filha pode espelhar sua vida, seu comportamento como mãe na forma como foi criada.

Isso me faz pensar muito, quando olho as novas gerações de mães que tiveram pouca ou nenhuma experiência positiva com a amamentação, durante sua criação.

Muitas vezes, essas jovens mulheres vão iniciar seu contato com a nutrição e cuidados com os filhos recém-nascidos, logo após o parto; e pela primeira vez vão à ação sobre algo desconhecido e não co-experimentado.

Ao contrário dessas mulheres, observo que as mães das nutrizes transmitiram exemplos de vida às suas filhas, durante a sua criação, fornecendo subsídios importantes para a prática da maternidade.

Uma tradição familiar

A amamentação é percebida pelas mães das nutrizes como uma herança transmitida pelas gerações. Já que minha avó amamentou e minha mãe também, conseqüentemente, eu irei fazê-lo, é a determinação do modelo de mãe que deve ser seguido.

“Ai, todo mundo incentiva...”

“Porque ela vê os outros falando que é bom, né.”

“Minha outra, a outra amamentou, ela viu amamentando no peito.”

“Ah, isso aí é uma tradição, né. Todo mundo acha que é certo.”

“... às vezes porque ela vê a família toda com muito leite, né.”

Giugliani¹³ ressalta que o aleitamento não é um ato instintivo e acrescenta “é uma arte feminina, transmitida de geração a geração”.

Por não ser um ato instintivo, o aleitamento requer um aprendizado social, que pode ser desenvolvido e aprendido no ambiente familiar ou nas escolas.

Althoff⁷, estudando as atitudes das mães e incentivos ao aleitamento, encontrou que 90% das mães declararam que a amamentação é uma prática comum na família.

Souza et al.³³, pesquisando os fatores que determinam o êxito do aleitamento, identificaram que 83% das mulheres entrevistadas referiram que suas mães e/ou tias e/ou irmã amamentaram pelo menos 6 meses, sendo um ato comum em suas famílias e, por isso, muitas vezes seguido.

Segundo Araújo², as mulheres relatam que aprendem sobre aleitamento materno na prática e com a família.

Apreendi dos discursos das avós, que a prática do aleitamento nas famílias favorece o ver, o sentir, enfim o experienciar atitudes e hábitos que se mostram comuns, fazem parte do cotidiano, do mundo-vida desses “Seres”. Dessa forma, mais e mais mulheres ao amamentar favorecem a continuidade do ato nas famílias e gerações vindouras, apesar da forte influência desfavorável à prática da amamentação veiculada através da mídia, da cultura e da sociedade, como um todo.

Nas falas a seguir, observei que as mães das nutrizes repetem os discursos veiculados na mídia e pelos profissionais de saúde acerca da importância do leite materno, composição química, tempo ideal para desmamar e outros.

“Ah, porque é bom e não deve ficar dando outro leite. Eles não dizem que é até os seis meses que tem que mamar”

“O leite materno é o leite melhor, previne infecção, várias doenças...”

“Que é muito importante até os seis, oito meses...”

“Esse negócio de falar que leite é fraco e tudo, acho que não existe...”

Martins³² também percebeu essa influência dos profissionais e meios de comunicação no discurso das mulheres descrevendo o leite materno como garantia de uma vida mais saudável para seus filhos.

As experiências em casa e a educação das crianças influenciarão, posteriormente, em suas atitudes e desempenho frente ao aleitamento e à maternidade.

Nos dias de hoje, se as crianças e os jovens não recebem a educação no lar quanto ao aspecto da amamentação, a escola pode trazer à tona esta possibilidade de, na vida da mulher, no momento de ser mãe, optar pela amamentação.

Infelizmente, as escolas não contemplam de forma adequada e completa a questão do aleitamento, não iniciam a educação das crianças quanto à importância deste ato para a mãe e o filho. Não mostram que, como mamíferos que somos, podemos nutrir os filhos com uma substância nutritiva que é secretada pelas mamas, e que, diferentemente dos animais, temos além do ato de nutrir, a capacidade de amar, de dar carinho e de sentir prazer ao aleitar.

Neste aspecto, Fadul & Xavier³⁴, discutindo essas questões, propõem que a educação para o aleitamento materno ocorra nas escolas com crianças de ambos os sexos e desde o início da escolaridade, tendo o “cuidado de não inculcar um sentimento de culpa, caso ocorra o insucesso na amamentação”.

No mundo-vida das mães das nutrizes, os discursos veiculados pela mídia estão presentes; outros aspectos ligados ao aleitamento elas podem ter aprendido, porém o ato de amamentar, “dar o peito” ao filho é reforçado ou comprovado pela experiência, pelo ensinamento recebido através de gerações e pela “imagem” do que é ser mãe para essas mulheres. Nada mencionam sobre opção pessoal, em poder dar outro alimento para os filhos. Parece que essas mães-avós têm a amamentação como algo natural, presente na maternidade, indiferente da vontade de suas filhas – mães-mulheres.

Influenciada através do discurso e da ação/apoio

Nesta categoria, as falas revelam a existência de todo um discurso favorável ao aleitamento materno, e também mostram que as atitudes e ações das mães das nutrizes são de apoio à decisão e manutenção da amamentação.

Elas atuam junto às filhas; dão força, incentivo e, às vezes, usam até do seu *status* de mãe para lembrar-lhes os deveres e responsabilidades de ser mãe. Percebe-se que os conselhos da mãe são de fundamental valor para a prática

e continuidade do aleitamento materno, principalmente nos momentos de dúvidas.

“É o conselho que eu dei pra ela, de mãe.”

“... tem que continuar dando, então de vez enquanto ela dá, umas duas vezes, ela ainda dá no peito.”

“... eu dei a maior força pra ela dá o peito pra ela, pro meném.”

As mães das nutrizes tiveram experiências que comprovaram a importância do leite materno para o crescimento e desenvolvimento da criança. E agora, não querem que suas filhas dêem outro alimento a seus netos.

Por isso, incentivam atitudes que para elas são certas e sensatas. Desse modo, percebe-se a vontade destas de que suas filhas gozem do prazer e das boas coisas que a amamentação lhes proporcionou, e seus netos tenham a saúde que seus filhos tiveram.

“... porque os meus foram criados no peito e têm uma saúde maravilhosa.”

“... eu senti que o leite de peito é o melhor tratamento para a criança.”

“... faz bem pra saúde do bebê também, né. Previne de muita coisa, a criança fica muito saudável.”

“Eu peguei e falei com ela pra num dá mamadeira tão agora não, né.”

As mães das nutrizes, pelas experiências vividas no seu cotidiano, estão cientes de que o processo de aleitar uma criança é cheio de altos e baixos, mas junto com as filhas estão dispostas a enfrentar os obstáculos.

Dessa forma, nos momentos de dificuldades, as mães apóiam-se no seu poder e incentivam com atitudes firmes, falas determinadas e, também, vão à ação colocando suas vivências em prática e conseguindo que suas filhas mantenham o aleitamento materno por mais tempo.

“Ai, eu fui insistindo, até comprou mamadeira e leite pra Meire, mas não deixei dar não, tá ai.”

“... tem que insistir, vão pelejar, e toca a comprar bombinha, ai tirou as pedras, agora mama uma beleza.”

“... eu chamo ela pra dá o peito pra menina, tem que continuar, insistir mais um pouco...”

Lendo essas falas percebe-se que a presença da mãe junto a sua filha, nas primeiras semanas pós-parto é muito importante, pois é a mãe que vai ajudá-la no cuidado com o bebê e durante o aleitamento, ajudando a retirar o excesso de leite para desfazer os ingurgitamentos e, assim, aliviar a dor na hora de amamentar.

A presença de nossa mãe é muito valiosa, pois se trata de uma pessoa muito querida, mais experiente, de nossa confiança, que nos quer bem e, por isso, ouvimos seus conselhos, acreditamos quando nos fala que somos capazes, que vamos conseguir vencer as dificuldades e amamentar por mais tempo.

O pai também é considerado um membro importante de apoio à mulher, mas diferente da mãe, ele passa a maior

parte do tempo fora do lar, cumprindo o papel que a sociedade lhe atribui, de provedor.

“O marido dela é muito bom também, não deixa faltar nada em casa. Pra sempre amamentar a criança, né.”

Caetano³, em seu estudo com mulheres amamentando exclusivamente por mais de cinco meses, encontrou 65% dos maridos colaborando com suas esposas no cuidado da casa, enquanto 74% também referiram cuidar dos outros filhos, o que proporcionava mais tranquilidade e descanso à mulher para amamentar.

Por outro lado, Martins³² não encontrou em seu estudo a colaboração dos maridos e/ou familiares.

Ainda são poucos os homens que vêem a criação dos filhos como dever do casal. Sua colaboração, muitas vezes, restringe-se à manutenção econômica do lar.

Os profissionais de saúde também têm atitudes e discursos favoráveis ao ato de amamentar, mas não estão próximos e vivenciando cada momento de sucesso ou insucesso da mulher no processo de lactação.

À luz da literatura, no que tange ao papel das avós na amamentação, esta não revela a sua real importância e nem dá a ênfase a este ser na sua atuação junto à filha no início e na continuidade do aleitamento.

Através das falas das mães das nutrizes percebi o valor que deve ser atribuído às nossas mães, pois elas compreendem o sujeito-ator da amamentação e aconselham, apóiam e ajudam de forma concreta em todos os momentos possíveis, para verem suas filhas realizadas e felizes com o sucesso no aleitamento materno.

Considerações Finais

Durante o meu caminhar neste estudo, uma nova faceta da amamentação foi aos poucos, desvelando-se para mim. Compreendi, através das experiências de vida das mães das nutrizes, qual o seu papel perante suas filhas na decisão e/ou manutenção do aleitamento materno.

Para tanto, utilizei o referencial metodológico da fenomenologia, pois era, a meu ver, o que melhor me conduziria a proposições e concepções sobre a presença da mãe da nutriz junto à filha, no momento da amamentação.

Partindo do mundo-vida das mães das nutrizes, conheci-as melhor e pude apreender, através de suas falas, o seu olhar sobre a decisão e os motivos que levaram suas filhas a amamentar.

Conforme seus relatos, a amamentação é uma extensão do processo da gravidez, que está permeada de sentimentos bons e ruins, mas, para elas, é um dever/responsabilidade da mulher como mãe que se sobrepõe ao seu desejo ou não de querer fazê-lo.

Como pesquisadora, percebi essa ambigüidade da amamentação, o que me possibilitará, daqui para frente, considerando esse aspecto, estar com a gestante de forma

real e melhor lidar com as contradições e dificuldades da amamentação para cada mulher.

Compreendi que durante a criação e educação das filhas, essas mães forneceram-lhes subsídios para a prática do aleitamento materno através dos seus exemplos de vida e do modelo de mãe transmitido de geração a geração, como uma tradição familiar, onde a filha vai copiando, transformando e espelhando-se na figura de sua mãe para exercer esse novo papel – ser mãe.

Assim, passei a considerar o período pré-natal e o puerpério como momentos importantes para a futura mãe, em que toda a família (marido, mãe, pai) deve participar das questões referentes ao aleitamento materno, dissipando mitos e dúvidas que envolvem essa prática, dando ainda importância ao apoio e suporte dos familiares para a nutriz e o bebê.

Mais importante do que apreender os motivos que levaram as mulheres a decidir pela amamentação sob a percepção de suas mães, foi conhecer o papel desempenhado por essas mães junto às filhas.

De posse dessa nova visão sobre o papel das mães das nutrizes, percebi que tenho que mudar minha abordagem ao aleitamento materno, incluindo no acompanhamento pré-natal e no puerpério a figura da mãe da nutriz como educadora, incentivadora e espelho de vida para as filhas, agora mães.

Dessa forma, as mães-avós poderão se sentir valorizadas e incentivadas a estar junto às filhas, transmitindo-lhes suas experiências e os novos conhecimentos aprendidos durante o contato com o profissional de saúde.

Esse “ser mãe-avó” possui, portanto, grande valor no incentivo ao aleitamento materno. Com a sua experiência e a sua ajuda, as mães-filhas terão chance de vivenciar uma amamentação com sucesso, passando também por uma experiência positiva que possibilitará a continuidade do ato de aleitar nas famílias e, quem sabe, nas futuras gerações.

Referências bibliográficas

1. Arantes CIS. Amamentação: visão das mulheres que amamentam. [Dissertação] Ribeirão Preto (SP): Universidade de São Paulo, 1991.
2. Araújo LDS. Querer e poder amamentar: uma questão de representação? [Dissertação], Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.
3. Caetano LC. Aleitamento materno: fatores que contribuem para sua prática. [Dissertação] São Paulo (SP): Escola Paulista de Medicina, 1992.
4. Silva IA. Amamentar: uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios. São Paulo: Robe, 1997. 257p.
5. Bloom K, Goldbloom RB, Stevens FE. Factors affecting the mother's choice of infant feeding method. *Acta Paediatr Scand* 1982; suppl 300: 3-8.

6. Grossman LK, Fitzsimmons SM, Larsen-Alexander JB, Sachs L, Harter C. The infant feeding decision in low and upper income women. *Clin Pediatr* 1990; 29: 30-7.
7. Althoff CR. Atitudes das mães face ao aleitamento materno e incentivo a amamentação. [Dissertação], Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina, 1985.
8. Machado CSM. Desenvolvimento de resposta imune de mucosas: influências do aleitamento materno e ambientais. *J pediatri* (Rio J.) 1995; 71: 241-7.
9. Sayers G, Thornton L, Corcoran R, Burke M. Influences on breast feeding initiation and duration. *Irish J Med Sci* 1995; 164: 281-4.
10. Jacobson SW, Jacobson JL, Frye KF. Incidence and correlates of breast-feeding in socioeconomically disadvantaged women. *Pediatrics* 1991; 88: 728-36.
11. Pabst HF, Spady DW, Pilarski LM, Carson MM, Beeler JA, Krezolek MP. Differential modulation of the immune response by breast- or formula-feeding of infants. *Acta Paediatr* 1997; 86: 1291-7.
12. Benhamou PH, Cheikh A, Francoual C, Kalach N, De Boissieu D, Dupont C. Possible protection by breast-feeding against severe esophageal and gastric lesions in the neonate. *Biol Neonate* 1998; 73: 337-9.
13. Giugliani ERJ. Amamentação: como e por que promover. *J pediatri* (Rio J.) 1994; 70: 138-51.
14. Temboury MC, Otero A, Polanco I, Arribas E. Influence of breast-feeding on the infant's intellectual development. *J Pediatr Gastroenterol Nutr* 1994; 18: 32-6.
15. Lucas A, Fewtrell MS, Davies PSW, Bishop NJ, Clough H, Cole TJ. Breastfeeding and catch-up growth in infants born small for gestational age. *Acta Paediatr* 1997; 86: 564-9.
16. Ricco RG. Aleitamento materno: uma questão sempre relevante. *Ped Mod* 1996; 32: 33-40.
17. Cunningham AS, Jelliffe DB, Jelliffe EFP. Breast-feeding and health in the 1980s: a global epidemiologic review. *J Pediatr* 1991; 118: 659-66.
18. Kaieda IM, Urbanetz AA, Tristão EG. Aleitamento materno. *Femina* 1994; 22: 111-7.
19. Mondal SK, Sen Gupta PG, Gupta DN, Ghosh S, Sikder SN, Rajendran K et al. Occurrence of diarrhoeal diseases in relation to infant feeding practices in a rural community in West Bengal, India. *Acta Paediatr* 1996; 85: 1159-62.
20. Hally MR, Bond J, Crawley J, Gregson B, Philips P, Russell I. Factors influencing the feeding of first-born infants. *Acta Paediatr Scand* 1984; 73: 33-9.
21. Freed GL, Fraley JK, Schanler RJ. Attitudes of expectant fathers regarding breast-feeding. *Pediatrics* 1992; 90: 224-7.
22. Losch M, Dungy CI, Russell D, Dusdieker LB. Impact of attitudes on maternal decisions regarding infant feeding. *J Pediatr* 1995; 126: 507-14.
23. Matich JR, Sims LSA. A comparison of social support variables between women who intend to breast or bottle feed. *Soc Sci Med* 1992; 34: 919-27.
24. Freed GL, Fraley JK, Schanler RJ. Accuracy of expectant mothers' predictions of fathers' attitudes regarding breast-feeding. *J Fam Pract* 1993; 37: 148-52.
25. Littman H, Medendorp SV, Goldfarb J. The decision to breastfeed: the importance of father's approval. *Clin Pediatr* 1994; 33: 214-9.
26. Giugliani ERJ, Issler RMS, Justo EB, Seffrin CF, Hartmann RM, Carvalho NM. Risk factors for early termination of breast feeding in Brazil. *Acta Paediatr* 1992; 81: 484-7.
27. Moura EFA. Duração do período de aleitamento materno de crianças atendidas em ambulatórios de pediatria. *J pediatri* (R J.) 1997; 73: 106-10.
28. Boemer MR. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. *Rev Latino-Am Enfermagem* (Ribeirão Preto) 1994; 2: 83-94.
29. Martins J, Bicudo MAV. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes; 1989. p. 110.
30. Chodorow N. Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1990.
31. Badinter E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985. p.370.
32. Martins RCB. O aleitamento com êxito sob a perspectiva da nutriz. [Dissertação] São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, 1998.
33. Souza LSF, Souza ELSS, Barretto MRR, Ramos RTT, Macedo JJB, Serra CR et al. Determinantes do êxito do aleitamento natural. *J pediatri* (Rio J.) 1991; 67: 42-50.
34. Fadul FD, Xavier LF. Fatores que contribuem para o desmame precoce. *Rev Bras Enf* 1983; 36: 213-20.

Endereço para correspondência:

Cândida Caniçali Primo

Rua Dr. Antônio Basílio, 588/101, Jardim da Penha
Vitória, ES - CEP 29060-390.

Fone: (027) 325.5815

e-mail: candidaprimo@escelsa.com.br

ou candidaprimo@hotmail.com